



A ginga, o drible, a síncope e o molejo: aquecendo uma conversa sobre música e futebol

The "ginga", the dribble, the syncope and the "molejo": warming up a conversation about music and football

Julia Santos Cossermelli de Andrade ✉ 

Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail para correspondência: juliadeandrade@gmail.com

Recebido (Received): 10/11/2022
Aceito (Accepted): 23/12/2022

Resumo: Música e futebol são dois universos bem próximos no interior da cultura popular brasileira. São inúmeras as músicas que tratam de futebol – times, jogadores icônicos ou mesmo partidas inesquecíveis. São também muitos os músicos que foram jogadores profissionais e amadores e que ainda hoje alimentam essa prática esportistas. E temos ainda a presença, no universo da música, de ex-jogadores que gravaram álbuns e venderam muitos LPs. Esse artigo pretende apresentar um pouco desta relação tão simbiótica e tão esclarecedora da maneira de viver de uma grande parte dos brasileiros e brasileiras.

Palavras-chave: Geografia da música; Futebol; Cultura popular; Choro; Samba; Cultura afrodiaspórica; Etnomusicologia.

Abstract: *Music and football are two very close universes within Brazilian popular culture. There are countless songs that deal with football – teams, iconic players or even unforgettable matches. There are also many musicians who were professional and amateur players and who still feed thus practice today. And we still have the presence, in the music universe, of former players who recorded albums and sold many LPs and Cds. This article intends to present a little so this relationship so symbiotic and so enlightening in the way so life of a large part so Brazilians.*

Keywords: *Geography of music; Football; Popular culture; Choro; Samba; Afro-diasporic culture; Ethnomusicology.*

1. Introdução

*“A ginga de Mané Garrincha, então?
É o samba mais puro que vem do coração”
(Paulo César Pinheiro)*

A ginga presente no futebol está também viva entre os craques do samba, do choro e de tantas outras formas da música brasileira. Como afirma Paulo César Pinheiro na canção **Futebol** - samba que eu trago como epígrafe deste artigo - “*Quem é bom de samba é que nem craque de futebol, acaba com a marcação quando pega na bola*”. Neste poema, musicado com destreza por Sérgio Santos, Paulinho Pinheiro equipara as duas atividades: o sambista e o jogador: quando craques, são da mesma natureza. Chamamos então a atenção para um conjunto de imagens, metáforas e práticas que são bastante comuns entre os dois universos.

Nesse presente artigo pretendo fazer uma aproximação entre esses dois mundos que estão intimamente entrelaçados na alma das camadas populares: a música e o futebol. Na verdade, as ideias que trago aqui fazem parte de uma promessa não cumprida. Na minha última conversa com o professor Gilmar Mascarenhas, no corredor do bloco D na UERJ, combinamos que iríamos escrever sobre esse tema. Ele trazendo sua ampla experiência sobre a geografia dos esportes e eu, alguns estudos sobre a música popular, o samba e o choro. Ele deixou precocemente a vida e eu senti a necessidade de realizar a empreitada, mesmo sem a parceria de trocas e escutas do amigo.

Organizo então o texto trazendo um levantamento preliminar do imenso repertório da música brasileira que fala sobre o futebol. Trata-se de canções (músicas com letra) e também obras apenas instrumentais. Costuro a história destas músicas com alguns depoimentos músicos contemporâneos que falam sobre algumas destas peças e da prática de fazer música em rodas de samba ou choro que, segundo eles, possui uma íntima relação com a corporalidades presentes num jogo de bola. O jogo em equipe, a divisão das tarefas para um resultado comum e, sobretudo, o improvisado são os denominadores comuns destas práticas sempre cercadas de festa, celebração e amizade.

Utilizo alguns textos de apoio que defendem que um caminho profícuo para se conhecer o Brasil seria o estudo do futebol e da música popular, temas que, aliás, chegaram muito recentemente ao campo da geografia. Entre os autores que trago para o diálogo, está um artigo publicado em meados da década de 1950 pelo crítico Anatol Rosenfeld intitulado *Negro, macumba e futebol*. Neste texto, traduzido do alemão pelo professor Modesto Carone, Anatol revela a sensibilidade que trata o território cultural brasileiro. Rosenfeld foi um pensador alemão que, fugindo do nazismo, se instalou no Brasil no fim da década de 1930. No conjunto importante de sua obra de ensaios, artigos e conferências estão temas que falam das artes, da literatura, do teatro, do cinema e do pensamento europeus mais que também buscavam um entendimento de aspectos e problemas da cultura e da sociedade brasileira. Esse autor, que morreu em 1973, foi professor da Escola de Arte Dramática e também da Escola de Comunicação e Arte – ECA/USP. Ele revelou ao professor Carone que o futebol foi para ele a porta de acesso à cultura brasileira. A partir destes estudos ele mergulhou a fundo no Brasil. Originalmente esse texto foi publicado em 1956 no Anuário Hans Staden (Staden-Jahrbuch) sob o título *Das Fussballspiel in Brasilien*. Sua primeira tradução acontece em 1974 numa publicação na *Argumento* logo após a morte do autor. Vinte anos após sua morte, três editoras – Perspectiva, da Unicamp e da USP – se reúnem para publicar sete livros de Anatol ampliando o alcance das suas ideias. O que julgo interessante no pensamento de Rosenfeld é o interesse que ele apresenta ainda nos anos 1950 em reconhecer a importância do futebol e da macumba para o entendimento da presença do negro no Brasil. Ele discute nestes textos a mobilidade social, racismo, religião, a festa, a profissionalização de jogadores negros nos clubes das cidades de São Paulo e do Rio, os aspectos econômicos que cercava o futebol chegando a aspectos psicossociais do futebol.

Um segundo autor importante para discutir o futebol e a cultura popular é Luiz Antônio Simas que, em diferentes textos, apresenta a ideia de cultura de frestas como aquela que surge apesar dos impedimentos do racismo estrutural, da segregação socioespacial e de todas as desigualdades opressoras da vida na cidade. A cultura de fresta (que é também de festa) resiste através da ginga e do drible e encontra caminhos de perpetuação. Entre sua vasta obra, selecionei em particular o livro *Maracanã: quando a cidade era terreiro*. Neste livro Simas (2021), diga-se de passagem, dedica ao amigo Gilmar.

Outro livro importante é do *Futebol no país da música* do jornalista Beto Xavier (2009). Aqui encontramos uma vasta lista de fonogramas e histórias interessantíssimas sobre sambas, choros, rocks e o futebol em todos os anos de existência no Brasil.

Trago também para o artigo o depoimento de músicos contemporâneos que falam sobre a prática musical paralela entre das rodas e dos jogos de pelada. Essa etnografia me ajudou a entender melhor de que maneira esses dois universos estão intimamente ligados. Todos os depoimentos foram dados à autora nos meses de outubro 2022. Foram quatro músicos escutados. Primeiramente, três dos principais chorões da atualidade: o cavaquinista Jayme Vignoli, o bandolinista Pedro Amorim e o violonista Maurício Carrilho. Escutamos também o cavaquinista paulista Paulo Mathias, um dos maiores especialistas sobre a obra de Paulo da Portela. Finalmente trazemos um breve comentário de Paulo Tinoco que é um colecionador e pesquisador de músicas sobre o Flamengo.

2. Futebol dá samba?

Futebol é um assunto que está presente há muito tempo na música popular urbana do Brasil. Essa relação parece que sempre deu samba! Mas deu choro também, deu rap, deu rock! Desde o início do século XX podemos ver uma infinidade de músicas tratando deste assunto tão popular quanto a própria canção. Aliás, tanto o futebol quanto a música popular foram caminhos possíveis de ascensão social de homens de origem mais pobre e isso é bastante interessante para se estudar. Talvez essa proximidade nos ajude a entender a natureza desta relação. Apesar, claro, do futebol ter origem nas classes abastadas e a música urbana – em particular o samba – ter sua origem mais entre os trabalhadores. Sabemos destas diferenças. Mas ambas se mesclaram de maneira muito particular no caso do nosso país sobretudo a partir da década de 1930.

Quando se fala que o futebol é um importante canal de ascensão social sobretudo de pobres e negros no Brasil, logo se pensa nos salários milionários que alguns poucos jogadores alcançam, sobretudo em suas

carreiras internacionais de hoje em dia. Mas, na verdade, podemos pensar que essa ascensão é talvez mais modesta e, ao mesmo tempo, bem mais comum desde os primeiros tempos. Inicialmente os times não aceitavam jogadores negros em suas equipes. Essa prática é fartamente relatada na literatura sobre futebol. Rosenfeld (2013) nos narra que a partir do momento que as equipes montadas em torno das fábricas, como a de tecido no subúrbio do Rio que criou o *The Bangu Athletic Club* no ano de 1904, a cena se transformou. A sede mandou trazer da Inglaterra os técnicos para o trabalho necessário na fábrica e deixou à disposição deles um campo nas proximidades para os jogos de futebol.

“Em virtude da distância do subúrbio, entretanto, não foi possível aos ingleses constituírem equipes fechadas chamando os compatriotas da cidade. Viram-se obrigados a recorrer aos operários das fábricas (...) logo foram concedidos privilégios especiais aos bons jogadores: licenças para treinar, trabalho mais leve, possibilidade de promoção mais rápida. Mais tarde, depois da supressão do the, o clube tornou-se quase mais conhecido do que a fábrica, e gerações de jovens foram admitidos não só porque trabalhavam bem, mas também porque jogavam bem”. (ROSENFELD, 2013; 82)

Em resumo, a partir desta prática, os operários – em particular os negros - encontraram um caminho de ascensão social. Essa ascensão só não foi maior, conclui Anatol, porque esbarrou na questão do analfabetismo. A falta de escolaridade, por vezes, dificultou a chegada às divisões superiores pois estas exigiam dos jogadores assinaturas nas súmulas. Isso fez com que alguns clubes contratassem professores para alfabetizar seus novos jogadores.

Olhar com atenção para essa “fresta” de mobilidade social é bastante esclarecedora. Se, por um lado, a qualidade técnica dos jogadores negros e pobres era algo determinante, essa presença no meio futebolístico sofreu certas resistências. Muitos clubes não admitiam a presença de negros em suas equipes, como dissemos. Uma das maneiras de impedir essa presença era insistir no amadorismo, ou seja, cada jogador deveria comprovar o exercício de uma profissão ou a posse de uma fortuna. Ou seja, sem a remuneração pelo trabalho esportivo, essa possibilidade era negada aos mais pobres e negros. Mas essas contramedidas não foram capazes de impedir a chegada de bons jogadores à cena esportiva.

“A profissionalização pôs termo a essa situação ambígua, na medida em que transformou os jogadores em funcionários que, como tais, conforme a posição do clube, não precisavam ter nenhum direito a participar de sua vida social. Foi criada uma nítida divisão entre o campo de futebol e o clube” (ROSENFELD, 2013; 87)

Por outro lado, a presença de bons jogadores negros nos times de futebol gerou um processo que merece destaque: a criação de ídolos. Apesar do fato de homens negros terem já realizado coisas extraordinárias nos campos das artes, da literatura ou mesmo da engenharia e arquitetura, seus fatos ainda não haviam conquistado uma popularidade abrangente. Essa situação muda a partir do momento que, através da importância dos jogadores negros, eles são alçados à posição de heróis nacionais. Rosenfeld escreve:

“A democratização do futebol brasileiro está intimamente relacionada com o nome de Arthur Friedenreich, filho de um alemão, que trabalhava no serviço público brasileiro, e de uma brasileira. Era chamado por seu pai de “pezinho de ouro”. O gol da vitória, que marcou em 1919 contra o Uruguai, abriu ao homem de cor acesso aos times mais distintos. Um “moreno” tornava-se herói nacional” (ROSENFELD, 2013; 98)

Curioso o crítico apontar esse episódio como um divisor de águas da presença no negro na sociedade brasileira pois é sobre o mesmo episódio que outro negro ilustre compõe um dos choros mais executados até os dias de hoje. Em 1920 Pixinguinha e Benedito Lacerda compõem um choro intitulado **1x0** para comemorar a primeira grande conquista do futebol brasileiro. Em 1919, no Campeonato Sul-Americano, o Brasil vence o Uruguai em um dramático jogo no Estádio das Laranjeiras depois de 150 minutos e duas prorrogações. Jayme Vignoli nos conta algumas coisas sobre esse choro:

“O choro incontestavelmente mais famoso ligado ao futebol é do Pixinguinha, **1x0**. Esse choro é de autoria do Pixinguinha embora tenha sido registrado como de Pixinguinha e Benedito Lacerda. Mas a gente sabe que essa parceria era uma parceria forjada. Sem querer “malhar” o Benedito Lacerda, que era um grande músico, mas essa era uma prática comum naquela época onde o compositor cedia ou vendia a parceria por necessidades financeiras mesmo. Mas isso nem é o mais importante aqui. O **1x0** foi uma música que foi feita em homenagem ao Arthur Friedenreich que era o jogador que tinha o apelido de El Tigre. Esse jogador fez o gol no segundo tempo da prorrogação contra o Uruguai. Um jogo pegado,

uma rivalidade muito grande entre as duas seleções e um jogo de altíssimo nível que parou o Rio de Janeiro. O jogo foi no Estádio das Laranjeiras - no Estádio do Fluminense - e o Pixinguinha fez esse choro em homenagem ao Fred e a vitória do Brasil. E o Pixinguinha, sendo o gênio que foi, não é difícil você imaginar a cena de jogo de futebol. De correria, de drible e de desarmes, enfim. É um choro em três partes e as três partes remetem, na minha opinião, facilmente às imagens de um jogo de futebol” (depoimento dado à autora em outubro 2022)

Esse choro é de fato um dos mais gravados por instrumentistas de várias gerações e acabou recebendo uma letra em 1993 do músico mineiro Nelson Ângelo que o gravou acompanhado por nada menos que Chico Buarque. Nesta letra se narra um pouco desta história apoteótica e também da própria história do futebol brasileiro onde a grande paixão “é a bola, é a bola, é a bola e o gol”. Vale a pena conhecer essa versão.

Entre os especialistas, há uma disputa em dizer qual é a primeira gravação em que o futebol tenha sido o tema. Para Tinhorão, por exemplo, trata-se de uma *polca* que foi gravada entre 1913 e 1915 chamada *Amadores da Pelota* e que foi composta por A. Borges Teixeira. Mas há quem indique que em 1912 o choro *Flamengo* de Bonfiglio de Oliveira seja o primeiro. Beto Xavier (2009), em seu livro “*Futebol no país da música*”, nos diz que o jornalista e estudioso do tema, Sérgio Cabral, ouviu do próprio Jacob do Bandolim que esse choro não estaria tratando do clube e sim ao bairro da zona sul carioca. Se assim for, ele não é o primeiro. Porém, para Maurício Carrilho, a história não é bem essa. Ele se apoia nas recentes pesquisas de Paulo Tinoco que faz o maior levantamento das músicas compostas em homenagem ao Flamengo. Nesta listagem, que já ultrapassou mil músicas, apareceram histórias reveladoras:

“Paulo Tinoco me procurou e me contou sobre sua pesquisa. A gente conversou muito sobre o Bonfiglio de Oliveira que foi um trompetista nascido em Guaratinguetá, no interior de São Paulo e veio pro Rio para morar na Pensão Viana. Esse era o apelido que tinha a casa da família do Pixinguinha que era um casarão enorme, com muitos quartos lá no Catumbi. Eles abrigavam nessa pensão os músicos que vinham pro Rio, como foi o caso do Bonfiglio ou o caso de outros que moravam por aqui, como foi o Irineu de Almeida que foi professor do Pixinguinha. E o Bonfiglio acabou ficando amigo, aqui no Rio, da chamada “turma do Reco-reco”. Essa turma saía comemorando as vitórias do Flamengo no remo e, um pouquinho depois, no futebol também. Essa pesquisa do Paulo Tinoco é muito importante para acabar com essa polêmica dos pesquisadores vascaínos, feito Sérgio Cabral, dizendo que a música era feita para o bairro. Na verdade, essa história desfaz essa dúvida, né? (Depoimento dado à autora em outubro de 2022)

Mas ainda há quem diga que no início do século XX já existia uma *polca* de Miguel A. de Vasconcelos sobre o tema. Em depoimento à autora o chorão Jayme Vignoli declara:

Tem um compositor bem das antigas, da geração antiga de chorões que morreu em 1940. A gente não se sabe ao certo o ano de nascimento. Ele se chama Miguel A. de Vasconcelos. Para você ter uma ideia de quão antigo, ele teve músicas executadas no programa do pessoal da Velha Guarda que era dirigido pelo Almirante com arranjos do Pixinguinha. Encontramos uma polca dele, que foi composta no início do século, que se chama Football. (Depoimento dado à autora em outubro de 2022)

Sem dúvida essa pesquisa ainda precisa de muita investigação pois estamos tratando de um repertório que é anterior ao período das gravações e das rádios. Muita coisa está sendo descoberta nos arquivos de partituras e manuscritos. Esses arquivos revelam, além de composições inéditas, um conjunto muito amplo de compositores completamente desconhecidos em nossos dias.

Todavia o que podemos afirmar com segurança é que são muitas as canções sobre futebol. Jacob, por exemplo, tem *Vascaíno* e *A ginga de Mané*. Luiz Americano compôs *Garrincha*. *Gingando* é de Dino e Canhoto. Armandinho Neves compôs *Dono da Bola* logo depois que deixou de ser jogador dos times de Campinas, sua cidade natal. Pepeu Gomes, com seu choro eletrificado, trouxe já no seu primeiro trabalho em 1978 dois exemplos: *Flamenguista* e *Toninho Cerezo*. *Esquerdinha na gafieira* é de Altamiro Carrilho. Seu sobrinho, Maurício Carrilho, nos fala sobre esse choro e da relação dos músicos com o futebol:

Meu tio Altamiro Carrilho compôs um choro chamado *Esquerdinha na Gafieira* em homenagem ao ponta esquerda do Flamengo. Apesar dele ser vascaíno e todos os irmão serem do flamengo, ele ia frequentemente com a gente ao Maracanã assistir jogos do Flamengo. Acho que ele era vascaíno só para implicar com a família! Mas ele gostava do Flamengo também. O meu pai, Álvaro Carrilho, que era muito flamengo... ele chegou a

jogar no juvenil do Flamengo nas categorias de base da época. Ele foi contemporâneo do Zagalo. E meu pai estudou depois e fez um curso na federação carioca na arbitragem. Ele fazia então as análises e comentários sobre a atuação da arbitragem. Meu pai foi compositor de choro. Foi flautista amador e se profissionalizou depois que ele se aposentou. Ele tocou com muitos músicos e gravou um CD bonito com suas composições. Tinha uma época que a gente fazia uma seresta lá na sede do Flamengo que ele adorava fazer.

3. Futebol, música, identidade e território

Anatol Rosenfeld apresenta em seu ensaio de 1956 uma comparação bastante interessante em relação à natureza da identidade dos times em São Paulo e no Rio de Janeiro. Para ele, no Rio de Janeiro, os times estariam mais ligados aos bairros – Flamengo, Botafogo, Bangú - e no caso paulistano, às classes sociais e os grupos de imigrantes:

“Muito mais importante foram as torcidas – na medida que se formaram em torno dos clubes – que, como representantes de bairros, muitas vezes também refletiam diferenças sociais. Daí a sanha com que no Rio violentas brigas foram travadas entre torcidas, sobretudo quando um clube aristocrático, obedecendo à tabela oficial, precisava jogar no campo de um clube suburbano e ainda por cima vencida (...) Em São Paulo, no entanto, o bairrismo das várias partes da cidade nunca pôde atingir uma intensidade semelhante, uma vez que a mobilidade horizontal e vertical nessa cidade cresce em ritmo rápido e é significativamente maior do que no Rio, e por isso não pode chegar ao estabelecimento de grupos nitidamente marcados e separados segundo bairros. Tanto mais identificam-se em São Paulo, uma cidade típica de imigração, massas imensas de imigrantes, segundo sua origem, com o Palmeiras (ex-Palestra) – um clube até hoje dirigido predominantemente por italianos e seus descendentes – e o da Portuguesa de Desportos, clube da colônia portuguesa, ao passo que o São Paulo F.C. conta, na multidão dos seus torcedores, mais com a população local da classe média, e o Corinthians principalmente com as massas do proletariado e dos homens de cor”.(ROSENFELD, 2013; 96-97)

Hoje em dia essa identidade construída pelo pertencimento ao bairro ou ao grupo de imigrantes está bem mais difusa em ambas as localidades. Os times ganharam uma abrangência nacional e as duas cidades sofreram mudanças socioespaciais também marcantes que, obviamente, deslocou tais grupos internamente. Porém ainda é bastante presente uma identidade construída familiarmente. Em geral o time escolhido é também o time do pai e a família se reúne em torno desta identidade. Entre amigos essas identidades são acolhidas e reforçadas:

“O futebol é um esporte nacional no país e ele vai estar em qualquer ambiente profissional. É muito comum em um grupo de amigos um se referir ao colega como “vascaíno” ou “rubro negro”. E isso não foge do ambiente musical, dos chorões seja nas rodas ou nos estúdios de gravações” (depoimento de Jayme Vignoli dado à autora em outubro 2022)

Benedict Anderson, falando sobre as comunidades e nacionalismos, afirma: “As comunidades se distinguem não por sua falsidade/ autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas”. (Anderson, 2008, p.33). Sendo assim a produção da identidade do Brasil, desde os anos 1930, esteve sempre em torno do futebol. Para Luiz Antônio Simas:

“No Brasil, o futebol ocupou um lugar de centralidade na produção da identidade nacional e a invenção daquilo que caracterizaria um projeto de ‘ser brasileiro’. (...) O sentimento de pertencer a determinado território amalgamado a um Estado – elemento fundante dos nacionalismos – é historicamente produzido de maneira dinâmica: alterado, inventado e reinventado, e ainda que pareça eterno, natural e dotado de fixidez. Na construção desta ideia, no Brasil, o futebol percorre uma trajetória cruzada ao percurso do samba e da umbanda”. (SIMAS, 2021; 16-17)

Simas, um atento historiador, discute a obra de Gilberto Freyre apresentando as afirmativas e contradições implícitas no pensamento do sociólogo. Em uma época onde o pensamento hegemônico no Brasil defendia que a presença de negros entre a população brasileira seria um fardo e que levaria ao fracasso do Brasil enquanto nação – o que justificaria uma política de estado que visasse a branqueamento da população com a inserção de imigrantes brancos europeus - Gilberto Freyre defendia a virtude de uma civilização mestiça. Esta mestiçagem seria capaz de resolver no campo da cultura seus dramas sociais de formação histórica violenta que se apoiou na escravização de africanos por vários séculos e em um genocídio indígena que não encontra fim. Para Freyre a força do Brasil estaria justamente no acolhimento destas

diferenças como característica própria da nação. Daí a importância que ele dá ao jeito do brasileiro jogar futebol. Em um texto escrito em 1947, apresenta essa relação entre ginga, samba e futebol. Ele diz:

“Esse casamento tornou possível a sublimação de vários elementos irracionais de nossa formação social e cultural. A capoeira e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar, que é possível ver nele um pouco de molecagem baiana ou malandragem carioca. Foi com esse resíduo que o futebol brasileiro se afastou do bem ordenado original britânico para se tornar uma dança cheia de surpresas e das variações dionisíaca que é”.

Anatol em 1956 corrobora desta ideia e afirma que reside aí a diferença do futebol jogado no Brasil e das práticas esportivas mais populares em outras partes do mundo

“Em contraste com a América do Norte, onde justamente uma variante do rúgbi se impôs, poder-se-ia pressupor uma afinidade difícil de definir da parte latina da América com o jogo de futebol, mais elegante, mais sinuoso e, apesar da decidida virilidade, menos dependente da robustez dos ossos e dos músculos (...) Pois o futebol como tal é popular em muitos países; a maneira, entretanto, como se desenvolveu e é cultivado poderia ser diferente entre vários povos. Uma apresentação concisa de alguns aspectos do futebol como um fenômeno social de primeiro plano na vida brasileira poderia contribuir com alguma coisa para o conhecimento atual da sociedade brasileira” (ROSENFELD, 2013; 74-75)

Ou seja, estaria nesta mescla entre cultura afrodiáspórica (samba, capoeira e a macumba) que tem sua resistência assentada na ginga, no drible, no enfrentamento inteligente e sinuoso em relação ao opressor, a marca do nosso futebol. No capítulo *Bola, Tambor e samba*, a poetisa de Simas chega a nos emocionar quando ele traça linhas que cruzam a história do samba, da fundação da umbanda e do futebol no Brasil: todas culturas de frestas que subvertem a narrativa hegemônica.

“No mito da anunciação, o Caboclo Sete Encruzilhadas estava insatisfeito, porque o centro espírita (kardecista) não permitia a chegada dos espíritos de índios, caboclos e pretos velhos (...) Na religião que o Caboclo Sete Encruzilhadas anunciou, os espíritos daqueles que formaram o Brasil aos trancos e barrancos seriam bem chegados para dar passes, oferecer consultas, curar, dançar etc. (...) Quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo de 1958, o Rei da Suécia cumprimentou todos os jogadores brasileiros. Dentre eles, Pelé, um descendente de bantos escravizados, e Mané Garrincha, um índio fulni-ô. O gramado, afinal de contas, é uma das sete encruzilhadas percorridas pelo caboclo macumbeiro: aquele que nunca encontra caminhos fechados” (SIMAS, 2021; 22-23)

Essa passagem é lindíssima. E nos revela, inclusive, o apagamento tão comum da presença indígena na sociedade brasileira. Imaginar Garrincha indígena? Pois é. Simas afirma que o jogador era filho de pai alagoano, Seu Amaro dos Santos, nascido e criado numa aldeia de índios fulni-ô. Somente aos 26 anos, em 1914, Amaro e a mulher vieram para o Rio de Janeiro. Mané Garrincha, um índio fulni-ô de pernas tortas, nasceu 19 anos depois em Pau Grande, Magé.

No livro de Beto Xavier o autor traz uma longa declaração de Gilberto Gil falando sobre a ligação entre música e futebol. Uma visão também bastante apoiada na mestiçagem.

“O Brasil tem uma presença extraordinária no futebol, como dado cultural que permeia uma série de contextos e subcontextos até maiores, como o caso da música popular. Os dois estão sempre juntos, as origens são parecidas, os sambas, os choros, todos esses grandes gêneros brasileiros são ligados a uma mesma matriz social, étnica. Somos negros, mestiços, que vão criar o samba e que vão dar ao futebol a característica brasileira que ele tem. E isso é um dado inescapável” (GILBERTO GIL Apud XAVIER, 2009; p.194)

Repito que a intensão deste ensaio não é esgotar o tema e nem mesmo apresentar definições acabadas. Muito pelo contrário. Neste texto optamos por apresentar a imensa variedade de temáticas que a investigação geográfica poderá se apropriar para compreender a nossa complexa e contraditória formação socioespacial e identitária. Ainda sobre a construção de identidades em relação aos times, é interessante o depoimento a seguir. O cavaquinista Jayme Vignoli declara que assume pseudônimos quando precisa participar de concursos que exigem uma avaliação cega. Ele conta que escolhe nomes de alguns jogadores em particular. Homenagens sutis entre os participantes destes saberes que só os “versados no babado” são capazes de decodificar:

Eu nunca fiz músicas com esse tema, apesar de eu gostar muito futebol. Ainda hoje eu gosto muito, mas não sou mais aquele torcedor “doente” que ia toda semana ao Maracanã. Eu ia na quarta e no domingo nos campeonatos cariocas. Eu ia com a turma da rua para assistir os jogos. Se o Flamengo perdia, eu tinha febre! Eu deixei essa barbaridade de lado embora eu ainda goste muito de futebol (...) se bem que hoje em dia tem situações inaceitáveis. Eu gosto de reconhecer quando hoje em dia as coisas passam da medida. A gente vê hoje muitas situações envolvendo clubes e jogadores de futebol que são inaceitáveis. Botou dinheiro no meio, ferrou tudo, né? Mas é isso, eu nunca compus música para futebol... taí, fica a provocação! Porém, eu inscrevendo músicas em concursos de composição - concursos internacionais - as vezes eu mando algumas músicas e você tem que mandar seu pseudônimo, eu já mais de uma vez mandei os nomes de Andrade, Adílio e Zico. Ele era o meio campo do Flamengo da década de 1980. Sendo o Zico... nem precisa se falar nada diante do personagem que foi o grande jogador que foi. E o Adílio foi um craque de bola que não é tão lembrado quanto o Zico. E o Andrade, que também foi um craque, que foi meu jogador preferido que foi aquele tipo de jogador que não aparece muito, que não faz muito gol, mas ele é indispensável na tática do jogo. O Andrade no meio de campo, poxa, era um rei, era um absurdo o que ele jogava. Ele foi um cara que eu sempre gostei muito inclusive por sua postura fora de campo (Jayme Vignoli, depoimento dado à autora em outubro de 2022)

Interessante traçar um paralelo ao personagem favorito do cavaquinista e o próprio papel na roda de choro do instrumento que ele toca. Raramente fazendo solo, o cavaquinho bem tocado é o elo entre os instrumentos melódicos e os rítmicos. Indispensável na tática da roda.

4. Música, metáfora melódica e rítmica

Interessante atentar para a potencialidade existente na música instrumental de descrever, através da melodia e das divisões rítmicas, situações geográficas de diferentes ordens. Reforçando as linhas paralelas das linguagens, Jayme indica o quanto na música instrumental se busca a construção das imagens futebolísticas:

“Tem uma música da década de 1980 se não me engano do LP do Maurício Carrilho com João de Aquino (João que faleceu tem duas semanas). Neste LP tem uma música deles dois, um choro sambado bem animado que se chama *Correndo pra galera*. É bem aquele clima do cara que fez o gol e vai correndo comemorar. Ele é bem inspirado neste tipo de situação. E na gravação do disco, inclusive, no início da música tem a inserção de um áudio de torcida de futebol do Maracanã ou de qualquer estádio que seja”.

Mais adiante na entrevista Jayme indica mais um paralelo:

“Jacob tem um choro chamado *Vascaíno* e outro choro em homenagem ao Garrincha chamado a *Ginga do Mané*. Nesse choro tem na segunda parte efeitos de suspensão da melodia que, mais uma vez, remetem a cenas do Garrincha: ele deixava a bola parada e corria para um lado e o marcador corria junto e deixava a bola parada e ele voltava para bola. Aquelas loucuras que ele fazia, genial! A *ginga do Mané* é um choro para homenagear um jogador. Tem um outro choro do Pixinguinha que se chama *Machuca Mané* que a gente supõe que possa ter sido também em homenagem ao Garrincha, mas não se tem certeza. Nunca achamos nada que atestasse isso. Mas pelo nome e também pela rítmica e pela melodia parece ser inspirado no comportamento do Garrincha jogando bola. Mas não dá pra dizer que foi em homenagem”.

Pedro Amorim, em seu depoimento dado a mim, também comenta o mesmo choro *Vascaíno* de Jacob do Bandolim.

“O Jacob escreveu este choro porque ele era torcedor do Vasco e, o que eu acho interessante, é que ele colocou muitos elementos da música portuguesa neste choro. Ele antes de ser o grande Jacob do Bandolim ele em uma época, acompanhava fadistas aqui no Rio de Janeiro. Acompanhava ao violão esses portugueses que se reuniam aqui para tocar fado. Ali ele aprendeu muito sobre a música portuguesa e colocou muitos destes elementos da música dele. Isso é indiscutível: a música do Jacob e o jeito dele tocar bandolim tem muito da música portuguesa e da guitarra portuguesa. E aí ele escreveu esse choro *Vascaíno*

juntando esses elementos da música portuguesa à admiração dele pelo clube do Vasco da Gama” (Pedro Amorim, depoimento dado à autora em outubro de 2022).

A descrição de situações, como por exemplo, um jogo de futebol através de desenhos melódicos é algo que merece ser melhor investigado. Isso abre uma fronteira nova aos estudos da geografia da música pois extrapola a questão da letra. Ou seja, uma letra pode narrar uma situação, uma paisagem, um território ou uma materialidade qualquer. Porém a melodia, o ritmo e a própria ginga da música também traz elementos seguros para a construção de imagens geográficas. Pedrinho Amorim segue em seu depoimento:

“É muito legal essa sacação entre música e futebol pois tem algumas coisas que são realmente geniais. O Jacob escreveu algumas músicas, por assim dizer, descritivas. Por exemplo o *Voo da Mosca*, que é uma valsa. Mas a *Guinga do Mané* acho que é realmente sensacional porque nesta homenagem a melodia é cheia de dribles. Inclusive tem umas paradinhas exatamente como o Garrincha fazia: ele dava aquela paradinha e saia pra direita... até nisso do Jacob conseguiu imitar com a melodia. Eu acho realmente uma sacada sensacional, uma música muito bem construída e muito expressiva neste sentido de ser descritiva de uma ação. (Pedro Amorim. Depoimento dado à autora em outubro de 2022)

Sendo assim podemos apontar duas facetas relacionadas a “forma”. Como falamos acima, a capacidade de descrever através da música uma cena de jogo ou outra qualquer. Mas a forma da roda de choro também carrega uma íntima relação com a maneira de se jogar uma partida de futebol. A destreza de saber se portar em coletivos sejam eles uma roda de improviso ou uma pelada, são bastante próximas. Em ambas as situações se exige um conjunto de normas de comportamento de respeito que só os praticantes conhecem. Uma história é contada entre músicos que exemplifica bem essa situação. Uma musicista estrangeira chega na roda de choro e, sacando seu instrumento, pergunta ao colega qual o roteiro das músicas que serão tocadas naquela noite. Seu choque é completo ao tomar ciência que na roda não existe roteiro, é puro improviso. Quem sabe, toca. Jayme Vignoli analisa:

Aliás, sem medo de estar forçando um pouco a barra, poderíamos estabelecer um paralelo entre a formação de um time que vai entrar campo com zagueiros, laterais, meio campo, volantes, atacantes, centro avantes... essas coisas. Assim também você tem as funções no regional de choro. Tem os instrumentos solistas e dos instrumentos acompanhadores e como é que eles procedem neste acompanhamento. No formato mais tradicional que a gente teria como acompanhamento o cavaquinho, dois violões e o pandeiro ou ao invés de dois violões, três violões sendo sempre um sete cordas. Então, já nesse micro cosmos do próprio regional de choro você pode ver os diferentes papéis. Você nunca coloca três violões tocando a mesma coisa, com os acordes tocando da mesma maneira senão fica um pavor, fica coisa feia, fica pesado. Então cada um tem uma função, cada um se coloca estrategicamente que pode ser combinado num ensaio entre os músicos para uma gravação ou improvisando no caso da roda. Ou seja, é um espírito de equipe, de time mesmo que está partindo pra jogar. Sozinho cada um não ganha o jogo. Então tem esse paralelo que a gente pode colocar que não existe nada determinante que o choro seja de determinada maneira ou que o jogo seja de determinada maneira. É um paralelo importante.

Ou seja, o que une a prática de se jogar bola e de fazer música coletivamente é a atividade em equipe, a capacidade de improvisar, o desejo de vitória de um coletivo acima da performance pessoal. Escola de vida, poderíamos dizer, para um bom entendedor.

Além dos choros temos uma infinidade de sambas que tratam do futebol com suas gingas, sua malícia e o prazer em fazer isso coletivamente. Com o passar dos anos essa relação entre música e futebol só se intensificou. Sambas de meio de ano ou de carnaval, marchinhas falavam de futebol. Torcidas organizadas de São Paulo - como a Gaviões da Fiel - que se tornaram escolas de samba. Da mesma maneira podemos notar essa temática aparecendo em muitos desfiles das escolas do Rio de Janeiro. Paulo Mathias nos lembra que na Portela existia um clube de futebol. Ele nos mostra durante a entrevista o clássico livro escrito por Isnard sobre o Candeia onde aparece uma fotografia rara do time de futebol da Portela:

“A própria Portela na década de 1930 ela tinha um time de futebol. O Natal, que hoje todo mundo lembra como a grande presidente, no começo ele não era de samba. O negócio dele era o futebol. Tanto é que se tinha o Esporte Clube Portela neste período. Ou seja, samba e futebol sempre estiveram muito associados pois são temas populares”. (Paulo Mathias, depoimento dado à autora em outubro de 2022)



Figura 1: No canto inferior esquerdo, agachado, está Natal. Fonte: CANDEIA e ISNARD “Escola de Samba, a árvore que esqueceu a raiz”.

Porém alguns compositores se destacaram nesta temática como Wilson Batista, Jackson do Pandeiro e Jorge Bem Jor. Esse último com o episódio triste em torno da canção *Fio Maravilha*. O homenageado João Batista Sales achou que deveria ter parte dos direitos autorais e processou Ben Jor que acabou, devido a isso, mudando o nome da canção para *Filho Maravilha*.

Ary Barroso, assim como Mario Reis e Djavan, foi jogador de futebol na sua juventude. Era goleiro. Mas, devido a miopia, abandonou o gol e se tornou locutor esportivo. Ele deixou sua marca na história com o toque de uma gaitinha de boca logo após a marcação de um gol. O vascaíno Aldir Blanc tem um conjunto grande não só de canções como também de crônicas sobre futebol. A partir da década de 1980 começou a compor ao lado de Guinga, igualmente apaixonado pelo mesmo time. Deles uma série de canções nasceram como “*Romário em frente ao gol*” e “*Yes, Zé-Manés*” lançadas em disco em 2001.

Paulo César Pinheiro, letrista com uma obra gigantesca além de *Maracanã* (parceria com Francis Hime) e *Samba e Futebol* sincopado, dançante que fez com Sérgio Santos, traz para seu repertório um jeito coloquial de falar, com frases cheia de gíria e metáforas futebolísticas, para dentro da poesia. Um exemplo? O clássico “O meu jogo é na retranca/ área muito perigosa” que todos nós lembramos na voz de Elis Regina.



Figura 2: lendário jogador Caju ao lado de Marley e Chico Buarque.

Fonte: <https://www.torcedores.com/noticias/2020/02/bob-marley-selecao-futebol-idolatrava-pc-caju>.

A lista parece não tem fim: Tom Zé, Zé Miguel Wisnik, Simone Guimarães, Gilberto Gil, Carlinhos Vergueiro, Lupicínio, Sérgio Ricardo, Gonzaguinha, Moraes Moreira. Meu colega, professor de Estética da UFRJ, Paulo da Costa e Silva, craque nos estudos sobre canção, é também compositor de um samba delicioso *Biga e Biguá* que homenageia dois jogadores de peladas da cidade do Rio. Contudo, para mim, uma das músicas mais bonitas deste repertório talvez seja o clássico de Tom Jobim *Radamés y Pelé*.

“Tem uma música do Tom Jobim que ele coloca o nome de dois personagens reais enaltecidos pela sua grande competência, uma na música e outro no futebol. Ele coloca no título o Radamés Gnatalli e o Pelé, no choro Radamés y Pelé, grafado como se fosse em espanhol. Esse é um choro muito bonito, homenageando o maestro e o rei do futebol e colocando os dois em pé de igualdade: o que o Radamés foi para a música o Pelé foi para o futebol”. (Jayme Vignoli, depoimento dado à autora outubro 2022)

Mas, talvez, o nome mais lembrado de todos seja mesmo o de Chico Buarque. Isso porque ele, não só compôs uma infinidade de canções tratando de futebol, como também é um famoso peladeiro. Em 1978 funda o Politheama, com sede no Recreio dos Bandeirantes. Neste campo passaram importantes nomes do futebol e da música. Acho que todos já viram fotos de Bob Marley suado depois do jogo ao lado de Chico. Fora a capa do LP do Quarteto em Cy de 1991 (imagem abaixo) inteiramente dedicado à obra de Chico, onde as quatro cantoras usam a camisa do time. Recentemente Jorge Vercillo compõe *Xote do Polyteama* para registrar definitivamente a presença deste time na história do futebol brasileiro. Para reforçar a gravação chama o vascaíno e peladeiro Guinga.

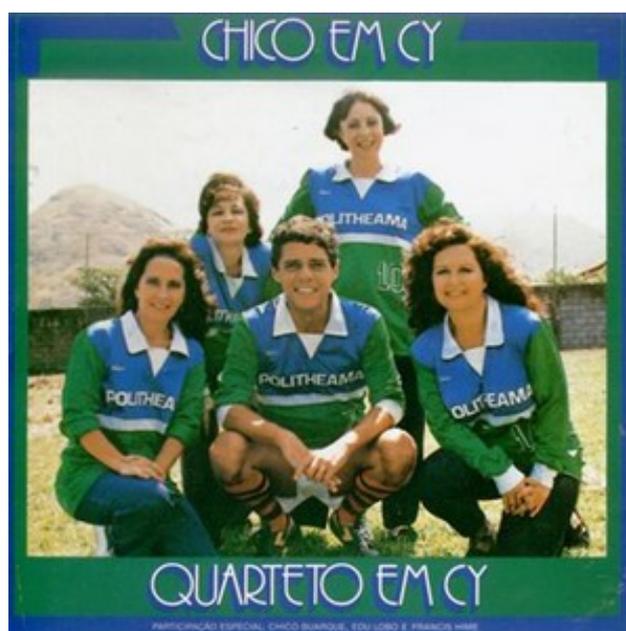
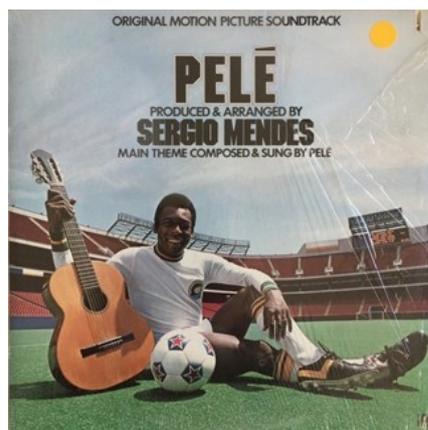
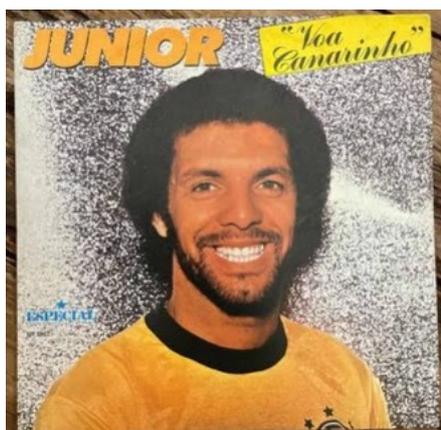


Figura 3: Cada do LP do Quarteto em Cy dedicada à obra buarqueana. Todas vestem a camisa do time Politheama.

Mas não são apenas os músicos que entram no universo do futebol. Não podemos esquecer de Sócrates, Junior, Tite, Escurinho, Zico e até mesmo Pelé, (que foram jogadores famosos) também tiveram sua passagem pela música e gravaram seus discos. Abaixo quatro capas de LP gravados por jogadores de futebol.



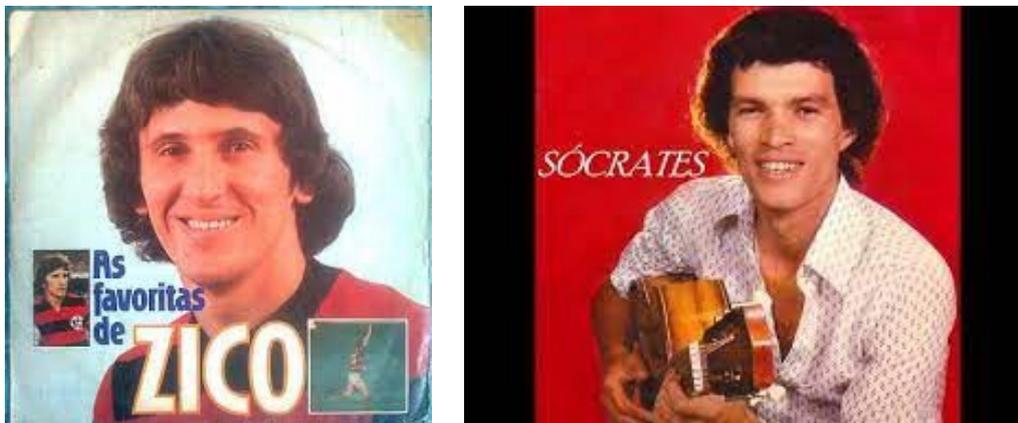


Figura 4: A primeira figura é o LP gravado por Junior em 1982. Na figura dois temos o LP de Pelé de 1970. A terceira imagem é o LP de Zico lançado em 1979 e finalmente na quarta figura temos o LP de Sócrates de 1980.

Maurício Carrilho revela algumas passagens interessantes destes encontros entre músicos e jogadores.

“O Flamengo em 1981 foi campeão do mundo com um time inesquecível, ganhou tudo. E nesta época alguns jogadores foram jogar fora. Mas eles voltavam nas férias. E eu conheci o Tita uma vez que eu fui fazer uma gravação com o Junior em 1982. Ele gravou aquele negócio do *Voa passarinho* que fez muito sucesso. Aí ele foi chamado para gravar um disco de samba e eu fui chamado também para essa gravação e lá apareceu o Tita. Eu me lembro que depois da gravação a gente saiu pra almoçar e o Tita me deu uma carona. (...) Aí ele comentou que ele gostava de cavaquinho e eu comecei a fazer umas partituras de choro e dar pra ele. Então ele começou a frequentar a minha casa para eu passar essas harmonias que eu escrevi para ele. Ele gostava muito de ouvir choro e na época a gente tinha um bar na Vila da Penha onde a gente fazia uma roda de choro. Na Pracinha da Cetel havia um campo que as vezes a gente fazia umas peladas na madrugada quando acabava e fechavam os bares da região. Então a gente fazia um time dos músicos que tocavam na roda e jogava contra um time dos garçons destes bares. E uma vez o Tita tava lá e, apesar de ele ser mórmon e não beber uma gota de álcool, ele fica sempre até de madrugada dando canja. E teve um dia que o Tita reforçou nosso time contra os garçons.

Ainda falando sobre Maurício Carrilho ele é, sem dúvida, o compositor de choro com maior número de obras. Estima-se que de sua autoria tenhamos hoje mais de 3.000 músicas, grande parte ainda inéditas. Ele nos conta:

“No final de 2004 eu resolvi fazer uma série temática de vários gêneros ou subgêneros do choro para os clubes do Rio de Janeiro. Então eu fiz pro Flamengo um choro, para o Vasco é um schottish – que é um gênero que tem em sua condução rítmica algumas semelhanças com o fado. Isso porque o Vasco é um clube da colônia portuguesa eu acabei fazendo essas relações entre os ritmos, entre os gêneros e as características dos clubes. Pro Fluminense eu fiz uma mazurca que é um gênero assim bem aristocrático, como é o perfil do fluminense, né? Pelo menos do início do clube. Botafogo é um choro também. Para o América é um lundu. América é um clube bem antigo e o lundu é um dos gêneros que deram origem ao choro. Para o Bangu eu fiz um choro com um ritmo do Caribe, um tempero de salsa. Bonsucesso é um choro mais lento. Bonsucesso era o mais chique do subúrbio da Leopoldina, então eu fiz um choro mais sofisticado. Fiz um maxixe para o Olaria. Um choro pro Madureira. Uma habaneira para a Portuguesa. Habaneira é, como o nome diz, um gênero nascido em Havana, Cuba e junto com o lundu foram gêneros ancestrais do choro. Campo Grande eu fiz, pra São Cristóvão eu fiz uma polca bem animada, parecida com polca de circo. Destes que eu te falei, alguns não estão mais disputando campeonato, mas foram clubes que eu vi jogar. Mas eu fiz também para clubes que eu não cheguei a ver como o Andarahy, como o Esporte Clube Brasil que ficava ali onde era o Canecão, em frente a sede do Botafogo, era vizinho do Botafogo, eu fiz um tango brasileiro. E eu fiz também uma série de, não sei, umas 120 músicas instrumentais que contam a história do Flamengo. Então tem desde uma música que eu fiz para a primeira barca que, os meninos que resolveram fundar o Flamengo fizeram, afundaram. Eles compraram na Praia de Ramos a barca e estavam vindo com a tal barca para o Flamengo e teve uma tempestade a barca afundou. Uma barca que se chamava Ferusa. Eles quase morreram afogados, foi

uma confusão danada! Mas eles insistentes acabaram comprando outra que deu certo e eles começaram a história deste clube que virou o mais popular do Brasil, ne? Então tem choro assim com o nome dos barcos do início da história do Flamengo, barcos que foram campeões. Tem com nomes de remadores, nomes de jogadores de basquete, nomes de atletas, de técnicos como o Canela do basquete, o Buque do remo. Tem para alguns presidentes que foram fundamentais como Gilberto Cardoso, como o Padilha que foi um cara muito importante para tornar o Flamengo um clube nacional. Homenageei alguns jogadores, os ídolos de cada época. E também alguns eventos como, por exemplo, teve uma travessia feita por três remadores do Rio até Santos. Eles fizeram essa travessia meio que fugindo da Guarda Costeira pois era um negócio arriscadíssimo. Mas eles fizeram. Então eu fiz a música *Travessia Rio-Santos* para contar essas epopeias vividas por esses personagens. E é uma coisa meio sem fim... o Flamengo não para de ganhar título! Vou precisar ficar fazendo música para as conquistas do Flamengo até o fim da minha vida, pelo visto!!

Muita coisa sobre esse tema ainda está por ser descoberto e discutido. Exemplo disso temos Paulo Tinoco que é um amante e pesquisador do Flamengo e há anos reúne músicas que tratam exclusivamente do seu time do coração. Ele nos revelou:

“Atualmente meu acervo está chegando nas 1.400 canções cadastradas - incluindo aí as regravações - com todas as informações sobre cada uma delas. Itens como Partituras (algumas originais), Discos de 78 RPM (identifiquei 72 discos que envolvem o Flamengo), Discos de 10 polegadas, LPs, Compactos, CDs, arquivos de áudio (de trabalhos exclusivos para plataformas digitais), apurando também lançamentos inéditos feitos fora do Brasil. Também possuo uma pequena biblioteca com livros e revistas sobre o Flamengo - e música brasileira - com quase 400 títulos”. (depoimento dado à autora via e-mail em novembro de 2022).

Além deste material Tinoco criou perfis nas redes sociais com o nome de FlaMUSICA onde divulga suas descobertas e propicia trocas com outros apaixonados pelo tema.

Considerações finais

A intenção deste ensaio foi apontar a enorme potencialidade de descoberta em aproximar os estudos sobre a geografia da música e as pesquisas sobre futebol. Isso porque estamos diante de um repertório gigantesco de canções e músicas instrumentais que tratam do assunto e que revelam, como busquei apresentar, um jeito muito particular de praticar a vida no cotidiano. Também existe um universo riquíssimo de assuntos que tocam o mercado cultural fonográfico e midiático construindo carreiras de jogadores que se tornam músicos além de músicos que, amantes da bola, dedicam parte da sua criatividade para construir crônicas deste cotidiano urbano.

Como caminho para um futuro aprofundamento pensamos ser necessário o conhecimento mais detalhado deste imenso repertório organizado por compositor, datas e gênero. Estou convencida de que estamos diante de uma nova geração de pesquisadores e pesquisadoras, dentro e fora do campo da geografia, que estão bastante interessados em discutir a cultura popular, as festas, as rodas de samba, choro e capoeira e o futebol de maneira mais aprofundada. Esses temas que estavam quase ausentes das nossas discussões, hoje ganham destaque. Acho que muita coisa está por ser descoberta. Sendo assim deixo aqui uma breve contribuição. No anexo uma primeira listagem para futuras pesquisas.

Notas

Fonogramas sobre futebol:

Amadores de pelota (1914) Antônio Borges de Teixeira interpretado por Giuseppe Riele:

<https://www.youtube.com/watch?v=YQpqfXLt2uE>

Flamengo (1912) de Bonfiglio de Oliveira interpretada por Jacob do Bandolim:

<https://www.youtube.com/watch?v=pEDKsbNjjVc>

Ix0 – Pixinguinha e Benedito Lacerda: <https://www.youtube.com/watch?v=PSVuaNiBsOI>

Ix0 – Com letra de Nelson Angelo interpretado por Chico Buarque e Nelson Angelo:

<https://www.youtube.com/watch?v=02VDHxFRHkE>

Vascaíno (1950) de Jacob do Bandolim: https://www.youtube.com/watch?v=zov3rp_tEn0

Ginga de Mané de Jacob do Bandolim interpretado por Pedro Amorim, Jayme Vignoli, Luiz Octávio Braga e Maurício Carrilho: <https://www.youtube.com/watch?v=-T3N7QzDED0>

Garrincha de Luiz Americano interpretado por Rocino Crispim e Regional Caboclo:

<https://www.youtube.com/watch?v=I6LoQ-LuOAs>

Radamés y Pelé de Tom Jobim (1994) interpretado pelo próprio Tom ao piano:

<https://www.youtube.com/watch?v=sOaW6zt7Pc8>

Dono da bola – Armandinho Neves (1963) Com Paola Picherzky:

<https://www.youtube.com/watch?v=LHwyiddp2il>

Guingando – Dino e Canhoto <https://www.youtube.com/watch?v=2bn8pQT4Unw>

Esquerdinha na gafeira – Altamiro Carrilho <https://www.youtube.com/watch?v=fYcTbGaXOLO>

Não adianta chorar – Mário Sève <https://www.youtube.com/watch?v=0kXebc6bl8k>

Flamenguista – Pepeu Gomes <https://www.youtube.com/watch?v=9wPsN6Azwo>

Toninho Cerezo – Pepeu Gomes <https://www.youtube.com/watch?v=v18NcZVaVs8>

Domingo tem Maracanã – Pedro Paulo <https://www.youtube.com/watch?v=kNA4PkeJScM>

Futebol de bar – Cesar Camargo Mariano <https://www.youtube.com/watch?v=i1Ru8LaWYQ0>

Soccer ball – Toninho Horta <https://www.youtube.com/watch?v=Xarp-iGEoTM>

Grêmio x Bahia – Yamandú Costa e Armandinho Macedo

<https://www.youtube.com/watch?v=ZQGyIIMw8h4>

Tempo de Futebol – Marco Pereira <https://www.youtube.com/watch?v=wTRzZMxZdLY>

Na trave – Carlinhos Antunes https://www.youtube.com/watch?v=v6eK-mG_2_M

Domingo na Geral – Cristóvão Bastos <https://www.youtube.com/watch?v=sICQq6CSQ6Q>

Mulata and futebol – Airto Moreira <https://www.youtube.com/watch?v=LJNeikLh0YE>

Touradas em Madrid – Braguinha https://www.youtube.com/watch?v=BRo_bSxRnAM

Pra frente Brasil – Miguel Gustavo <https://www.youtube.com/watch?v=LbxtNtGIZxE>

Conversa de Botequim – Noel e Vadico <https://www.youtube.com/watch?v=IDrzCPvjxLI>

E o juiz apitou – Wilson Batista <https://www.youtube.com/watch?v=m1gy35rtz5E>

Boteco do José – Wilson Batista <https://www.youtube.com/watch?v=dtOgeKaaj3M>

Memórias de um torcedor – Wilson Bapista e Geraldo Borges https://www.youtube.com/watch?v=Mj_UWURzFM

Samba rubro-negro – Wilson Batista e Jorge de Castro https://www.youtube.com/watch?v=4HatbbX_Jww

Flamengo – Lamartine Babo e Duda <https://www.youtube.com/watch?v=EcD1D9zQGQ8>

2x2 – Lamartine Babo <https://www.youtube.com/watch?v=pyTDG2c3tNM>

Cuidado com a gaita do Ary – Lamartine Babo <https://www.youtube.com/watch?v=qcMYT2Risag>

Deixa Falar – Lamartine Babo e Nelson Pereira (Carmem Miranda)

Entra Vasco – Lamartine Babo (Aurora Miranda)

Hino Flamengo – Lamartine Babo

Doutor em Futebol – Moreira da Silva <https://www.youtube.com/watch?v=akQqkchFOIg>

Copa roca – Moreira da Silva e Lorival Ramos <https://www.youtube.com/watch?v=3aDgHoC8X38>

Morengueira contra 007 – Moreira da Silva https://www.youtube.com/watch?v=V47k4_pgicY

Flamengo e mangueira – Bezerra da Silva <https://www.youtube.com/watch?v=Jp2byiUXztM>

Curintia, meu amor – 1957 Adoriran Barbosa <https://www.youtube.com/watch?v=jYGX4c11n5o>

Time perna de pau – Vicente Armar https://www.youtube.com/watch?v=QE48P6VK_6s

Timão – Samuel Andrade e Paulo Gallo <https://www.youtube.com/watch?v=P8FqjPu4foQ>

Bandeira do Timão – Elzo Augusto

Deixa Falar – Nelson Petersen https://www.youtube.com/watch?v=XA_onv_fk

O mais querido da cidade – Nilo Silva e Maria Lúcia

Diamante Negro – David Nasser e marino Pinto <https://www.youtube.com/watch?v=-RjZWIsmc9o>

Uma vez Flamengo – David Corrêa, Adilson Torres, Déo e Caruso

Sou negão – Rappin'Hood <https://www.youtube.com/watch?v=LNoV96QhDVK>

Mais uma – Cardoso de Menezes Filho (1920)

Aquele Abraço – Gilberto Gil <https://www.youtube.com/watch?v=HB8vbB5ILUU>

Ilmo Sr. Ciro Monteiro ou receita pra virar casaca de neném – Chico Buarque

<https://www.youtube.com/watch?v=vafleil5fLk>

Salve a torcida - Carlos Fernando (Chico Buarque) https://www.youtube.com/watch?v=F1YZ9WK9_ME

Calango vascaíno – Martinho da Vila <https://www.youtube.com/watch?v=bT8hTaQ0D5M>

Gol anulado – Aldir Blanc e João Bosco <https://www.youtube.com/watch?v=m-ti4Z0FQr0>

Yes, Ze-Manés – Aldir e Guinga <https://www.youtube.com/watch?v=GaKFPpQL1Dw>

Mané Garrincha – Wilson Batista <https://www.youtube.com/watch?v=twEHEAajns>

Botafogo campeão – Elias da Silva, Pedro Russo e Maurício Isidoro.
<https://www.youtube.com/watch?v=cVfVIKHPuME>

Tempo de Don Don – Nei Lopes <https://www.youtube.com/watch?v=2ogma4-eRmg>

Besta e tu – Moraes Moreira e Galvão <https://www.youtube.com/watch?v=YjIloQVM6uc>

Para ver o futebol – Paulo Baiano e marcos Sacramento <https://www.youtube.com/watch?v=eeHrMQxcWvs>

Rio de Janeiro – Guinga e Aldir Blanc <https://www.youtube.com/watch?v=18UqapPLuSM>

Pelas Tabelas – Chico Buarque <https://www.youtube.com/watch?v=dLThKvOeN7s>

Maracanã – Francis Hime e Paulo Cesar Pinheiro https://www.youtube.com/watch?v=x_JzqwuI-dU

Sócrates brasileiro – José Miguel Wisnik <https://www.youtube.com/watch?v=sPAWQnV594s>

Meio de campo – Gil <https://www.youtube.com/watch?v=O3TogiCPKDw>

Balé da bola – Gil https://www.youtube.com/watch?v=di_4KvuFeAI

Corintia – Gil (tete bahia) <https://www.youtube.com/watch?v=Cn-GpwVe3bs>

Nação Corinthians – Carlinhos Vergueiro e Jota Petrolino e Favoco Falcão
<https://www.youtube.com/watch?v=YiNWnpBaXzg>

1x1 - Jacson do Pandeiro <https://www.youtube.com/watch?v=XLSHiWcbisI>

Frevo do Bi – Jacson do Pandeiro <https://www.youtube.com/watch?v=anCaRdYyZQI>

Scratch de ouro – Jacson do Pandeiro <https://www.youtube.com/watch?v=flp9xWz6-aI>

Rei Pelé – Jacson do Pandeiro <https://www.youtube.com/watch?v=tk-4mGxrBBE>

Siri jogando bola – Gonzagão e Zé Dantas https://www.youtube.com/watch?v=wVxEp_g12hk

La vai pitomba – Gonzagão e Onildo de Almeida https://www.youtube.com/watch?v=2X_8Z-0EIWk

Zelão – Sérgio Ricardo <https://www.youtube.com/watch?v=dVVxsx5qEoI>

Beto bom de bola – Sérgio Ricardo <https://www.youtube.com/watch?v=bodRpC6rxdE>

Futebol – Chico Buarque <https://www.youtube.com/watch?v=qcdOtuVjaxc>

Samba e Futebol – Sérgio Santos e Paulo Cesar Pinheiro
<https://www.youtube.com/watch?v=GVXQ4QIz8Os>

Par ou ímpar – Aldir e Guinga <https://www.youtube.com/watch?v=8HPI0yawIDk>

Se meu time não fosse campeão – Gozanguinha <https://www.youtube.com/watch?v=eecmm-qdAS0>

Bola pra frente – Tom Zé https://www.youtube.com/watch?v=ON3l_RkiXmY

E por falar no Rei Pelé – Gonzaguinha <https://www.youtube.com/watch?v=S52FobiknDA>

País Tropical – Jorge Benjor <https://www.youtube.com/watch?v=efVH5sMcOIA>

Fio Maravilha – Jorge Benjor <https://www.youtube.com/watch?v=UKZKNPmJpd0>

Ponta de lança africano – Jorge Benjor <https://www.youtube.com/watch?v=Kk3Bci3jVBs>

Camisa 10 da Gávea – Jorge Benjor <https://www.youtube.com/watch?v=Lf9lyL36YwE>

Tradição – Gilberto Gil <https://www.youtube.com/watch?v=1Xhymj52tB4>

Bom tempo – Chico <https://www.youtube.com/watch?v=dR6tbVDF5RE>

Jorge Maravilha – Chico <https://www.youtube.com/watch?v=nE5d4d7ObyE>

E se – Francis Hime e Chico Buarque: https://www.youtube.com/watch?v=8hbR_7rtv5g

Biscate - Chico Buarque <https://www.youtube.com/watch?v=rUnvdqUo5Kc>

Barafunda – Chico Buarque https://www.youtube.com/watch?v=ioq7DaOCU_8

Sem você n 2 – Chico Buarque <https://www.youtube.com/watch?v=ebGMRzm0Oac>

Jogo de Bola – Chico Buarque <https://www.youtube.com/watch?v=CumildVL1ns>

Gol Chorado – Maurício Carrilho <https://www.youtube.com/watch?v=CumildVL1ns>

Andaraí A. C. Maurício Carrilho

Bangu – Maurício Carrilho

Biguá, o guerreiro – Maurício Carrilho

Campo Grande A.C. – Maurício Carrilho

Canto do Rio F.C. - Maurício Carrilho

Choro pro Armandinho Neves – Maurício Carrilho

Driblador – Maurício Carrilho

El gringo Doval – Maurício Carrilho

Evaristo – Maurício Carrilho

Fausto – Maurício Carrilho

Friedenreich – Maurício Carrilho

Galinho de Quintino – Maurício Carrilho

Geraldo, o assoviador – Maurício Carrilho

Garrincha – Maurício Carrilho

Gol chorando – Maurício Carrilho

Gol de bico – Maurício Carrilho

Gol de contra-ataque – Maurício Carrilho

Gol de placa – Maurício Carrilho
Gol de trivela – Maurício Carrilho
Gol no ângulo – Maurício Carrilho
Gol nos descontos – Maurício Carrilho
Gol por cobertura – Maurício Carrilho
Gol roubado – Maurício Carrilho
Há Mauros que vem pra bem – Maurício Carrilho
Henrique Dourado – Maurício Carrilho
Henrique Frade – Maurício Carrilho
Homerinho tomou juízo – Maurício Carrilho
Leônidas da Silva – Maurício Carrilho
Lico – Maurício Carrilho
Linha de fundo – Maurício Carrilho
Mengo do Japão – Maurício Carrilho
Moacir – Maurício Carrilho
Olaria – Maurício Carrilho
Os 110 anos do Mengão – Maurício Carrilho
Os dribles do Galinho – Maurício Carrilho
Paysandu A.C. – Maurício Carrilho
Sport Clube Brasil – Maurício Carrilho
Zagallo – Maurício Carrilho

Bibliografia

- CANDEIA e ISNARD. **A árvore que esqueceu a raiz**. Editora Lidador, SEEC – RJ, 1978.
- FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Global Editora, 2016. Edição original de 1947.
- LAMOUNIER, Dimas **Chico com todas as letras**. Belo Horizonte: Ramalhete, 2021.
- ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- SIMAS, Luiz Antônio. **Maracanã: quando a cidade era terreiro** – Rio de Janeiro: Mórula, 2021.
- XAVIER, Beto **Futebol no país da música**. São Paulo: Panda Books, 2009.



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).